

afetos

Pastoral Juvenil • Diocese de Angra



Editorial

Uma das experiências e vivências mais dolorosas do povo de Israel foi, sem dúvida, a do exílio da Babilónia. Longe de tudo e de todos, é tomado pela tristeza, pelo desânimo e desencanto próprios de quem quase desiste de sonhar a possibilidade de um feliz regresso àquilo que é verdadeiramente seu e, deste estado calamitoso, surge não apenas a saudade da liberdade mas, sobretudo, a saudade da sua essência e verdade, a saudade de ser e sentir-se gente de um mundo e de uma terra que lhe foram dados a viver.

Não! A Babilónia não foi, nem é uma vivência meramente de um povo e de um passado longínquo; É experiência e vivência de tantas e tantos num mundo que se diz e quer livre! É vivência e experiência de muitos que, ou se auto-exilaram ou, pior ainda, foram exilados! E criam-se “Babilónias” que excluem e isolam, que afastam daquela beleza paradisíaca na qual e para a qual todos foram criados! Criam-se “Babilónias” que exilam tantos de um mundo que é de todos e para todos!

Quantos desesperos por solidão!? Quantas tristezas por abandonos!? Quantas saudades que não matam a fome de uma esperança que não se vislumbra!?

Talvez estejamos com carência de “Isaiás” que devolvam coragem e esperança, que proclamem boas notícias da parte de Deus, que proclamem no emaranhado das confusões e turbulências deste mundo e nas “Babilónias” desumanas que se implantaram indevidamente na vida e na história deste punhado de gente mártir, que “aí está o nosso Deus, que Ele próprio vem salvar”. Sim, escrevi certo: salvar! Que não hajam dúvidas! Não saber isso é permanecer na “Babilónia”! “Isaiás” precisam-se, hoje e já!

E no meio de tantas “Babilónias” que geram dor, sofrimento, angústia e tristeza, que exilam vidas, inibem sonhos e frustram corações, ressoa um solene e imperioso “Eífathá” – Abre-te! Não faltam “surdos-mudos”, fechados sobre si mesmos num egoísmo e auto-suficiência atrofiantes que apenas e só os isolam de uma realidade e de uma verdade que também lhes é dado experimentar viver! Tal como com o surdo-mudo do Evangelho, só o encontro com Jesus leva o homem a sair das suas “Babilónias”, do seu isolamento e a entrar numa relação harmoniosa e perfeita consigo próprio, com os outros, com o mundo e com o próprio Deus!

Mas o surdo-mudo do Evangelho não foi até Jesus por si próprio: foi levado! Houve um processo de condução, aproximação e intercessão! Por vezes, no meio de tanta instabilidade, quando a esperança já não faz parte dos objectivos de tantos “surdos-mudos”, quando as lágrimas esculpem rugas de dor e solidão, quando o “exílio” é maior que a promessa, há que aprender a ser, e ser, uma Comunidade, um povo e uma Igreja que conduza, aproxime e interceda. Os “exilados” e os “surdos-mudos” não carecem de “dó” e de “pena”! Carecem, sim, de liberdade!

Pe. Norberto Brum, Director Diocesano da Pastoral Juvenil

A água no pensamento e preocupação do Papa

O dia 01 de Setembro foi escolhido pelo Papa Francisco como o Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação.

Na mensagem que partilhou com toda a Igreja, o Papa agradeceu ao Senhor o dom da casa comum e todos os homens de boa vontade que estão comprometidos em protegê-la. Agradeceu também os numerosos projectos que visam promover o

estudo e a protecção dos ecossistemas, os esforços destinados a desenvolver uma agricultura mais sustentável e uma alimentação mais responsável, as diversas iniciativas educacionais, espirituais e litúrgicas que envolvem muitos cristãos em todo o mundo no cuidado da criação.

O Papa pede para que todos reconheçam que “não sabemos proteger a criação com responsabilidade. A situação ambiental, quer a nível global, quer em muitos lugares específicos, não pode ser considerada satisfatória”, refere.

“Gostaria de chamar a atenção para a questão da água, elemento tão simples e precioso, cujo acesso infelizmente é difícil para muitos, se não impossível. A água nos convida a reflectir sobre as nossas origens. Para nós cristãos, a água é um elemento essencial de purificação e de vida. O pensamento vai imediatamente para o Baptismo, sacramento do nosso renascimento. A água santificada pelo Espírito é a matéria pela qual Deus nos vivificou e nos renovou; é a fonte abençoada de uma vida que não morre mais. O Baptismo representa também, para os cristãos de diferentes confissões, o ponto de partida real e indispensável para viver uma fraternidade cada vez mais autêntica no caminho da plena unidade.”

O Papa Francisco, na mesma nota, aborda a questão dos mares e dos oceanos: “Proteger esse bem inestimável todos os dias representa hoje uma responsabilidade imperiosa, um desafio real: é necessária uma cooperação eficaz entre os homens de boa vontade para colaborar na obra contínua do Criador”, refere o Papa. E conti-



nua: “Não podemos permitir que os mares e oceanos se preencham com extensões inertes de plástico flutuante. Também para essa emergência somos chamados a nos comprometer, com uma mentalidade activa, rezando como se tudo dependesse da Providência divina e agindo como se tudo dependesse de nós.” “Rezemos, pede Francisco, para que as águas não sejam um sinal de separação entre os povos, mas de encontro para a comunidade humana. Rezemos para que sejam protegidas aquelas pessoas que arriscam suas vidas em meio às ondas em busca de um futuro melhor. Peçamos ao Senhor e àqueles que realizam o alto serviço da política que as questões mais delicadas da nossa época, tais como as relacionadas com a migração, com a mudança climática, com o direito para todos de usufruírem dos bens primários, sejam encaradas com responsabilidade, com previsão olhando para o amanhã, com generosidade e com espírito de cooperação, especialmente entre os países que têm maior disponibilidade.”

“Por fim, preocupemo-nos com as jovens gerações e rezemos por elas, para que cresçam no conhecimento e no respeito pela casa comum e no desejo de cuidar do bem essencial da água para o benefício de todos. O meu desejo é que as comunidades cristãs contribuam cada vez mais concretamente para que todos possam usufruir desse recurso indispensável, no cuidado respeitoso dos dons recebidos do Criador, em particular dos cursos de água, mares e oceanos”, concluiu.

Palavra de Domingo

XXIII DOMINGO DO TEMPO COMUM

1ª Leitura

Isaiás 35,4-7a

«Então se desimpedirão os ouvidos dos surdos e a língua do mudo cantará de alegria»

2ª Leitura

São Tiago 2,1-5

«Não escolheu Deus os pobres para serem herdeiros do Reino?»

Evangelho

São Marcos 7,31-37

«Faz que os surdos oiçam e os mudos falem»

A Palavra que Deus nos oferece neste 23º Domingo do Tempo Comum fala-nos de um Deus comprometido com a vida e a felicidade do homem, continuamente apostado em renovar, em transformar, em recriar o homem, de modo a fazê-lo atingir a vida plena do Homem Novo.

Na primeira leitura, o profeta Isaiás garante aos exilados na Babilónia, afogados na dor e no desespero, que Jahwéh está prestes a vir ao encontro do seu Povo para o libertar e para o

conduzir à sua terra. Nas imagens dos cegos que voltam a contemplar a luz, dos surdos que voltam a ouvir, dos coxos que saltarão como veados e dos mudos a cantar com alegria, o profeta representa essa vida nova, excessiva, abundante, transformadora, que Deus vai oferecer a Judá.

No Evangelho, Jesus, cumprindo o mandato que o Pai Lhe confiou, abre os ouvidos e solta a língua de um surdo-mudo. Este gesto de Jesus, revela esse Deus que não Se conforma quando o homem se fecha no egoísmo e na auto-suficiência, rejeitando o amor, a partilha, a comunhão. O encontro com Cristo leva o homem a sair do seu isolamento e a estabelecer laços familiares com Deus e com todos os irmãos, sem excepção.

O surdo-mudo do Evangelho foi trazido e apresentado a Jesus por outras pessoas. Este pormenor lembramos o nosso papel no sentido de fazer a ponte entre os irmãos que vivem prisioneiros da “surdez” e a proposta libertadora de Jesus Cristo. Não podemos ficar de braços cruzados quando algum dos nossos irmãos se



instala em esquemas de fechamento, de egoísmo, de auto-suficiência; mas, com o nosso testemunho de vida, temos de lhe apresentar essa proposta libertadora que Cristo quer oferecer a todos os homens.

A segunda leitura dirige-se àqueles que acolheram a proposta de Jesus e se comprometeram a segui-lo no caminho do amor, da partilha, da doação. Convida-os a não discriminar ou marginalizar qualquer irmão e a acolher com especial bondade os pequenos e os pobres.

Pergunta, que nós respondemos



Olá amigos! De volta em mais uma semana! E não é que já estamos em Setembro!

Olá, amigo! É verdade! O tempo passa de uma forma tão veloz que, se não estamos atentos, quase nem damos por ele a passar e depois fica-nos a sensação de não termos aproveitado cada minuto deste tempo que nos é oferecido para vivermos!

Nem mais! Às vezes andamos tão preocupados com o que temos que fazer, com as coisas do “amanhã” e não vivemos o presente a pensar no futuro e quando chega o tal “futuro” vivemo-lo com saudades do passado!

Por isso mesmo temos de aproveitar o presente e viver este presente, mais do que como um tempo cronológico, como um verdadeiro presente-oferta! O presente é-nos oferecido mesmo como presente, dom, oferta...

Muito bem! Tens toda a razão.

Com a chegada do mês de Setembro, a vida vai regressando à sua normalidade. Quer dizer, o tempo de férias vai chegando ao seu termo e, gradualmente, regressamos à normalidade do nosso quotidiano, o que não quer dizer que as férias não sejam um tempo “normal”!

Sim, percebo o que queres dizer: retomamos os nossos afazeres e, com as forças retemperadas, entramos na rotina, que não pode nem deve ser rotineira.

Voltamos aos empregos, à escola, as actividades pastorais das nossas comunidades voltam ao seu ritmo ordinário... é o recomeço de uma nova etapa!

É isso mesmo: recomeçar!

A vida é um contínuo processo de começos e de fins, e recomeços... partir, chegar e voltar a partir!

Vivemos de etapas e cada etapa é um desafio à conquista, à busca, um constante desinstalar e voltar a apostar: a busca não termina quando atingimos uma meta, esta, uma vez atingida, é sempre um desafio a muitas outras metas.

Recomeçar é voltar a fazer, o que não é sinónimo de rotina, mas sim apostar em algo que verdadeiramente nos realiza porque realiza o outro; é voltar à realidade da obra e da missão que não está completa! Cada etapa e cada percurso são sinónimos de uma busca incessante de mais, porque somos eternamente insatisfeitos: os acomodados nunca chegam a partir e se partem estagnam porque não estão predispostos a sair da sua zona de conforto, a abdicar de si em função de algo mais profundo e realizador.

Nem mais! Recomeçar é sempre novidade, mesmo que o recomeço implique uma série de atitudes, comportamentos e realidades já experimentadas e vividas, mesmo que nos possa “cheirar” a rotina, no sentido de fazermos o mesmo, é sempre novidade, porque novos são os desafios, o tempo, as pessoas... É novidade porque, mesmo fazendo o mesmo, podemos fazer diferente, corrigindo falhas e lacunas outrora experimentadas,



porque cada pessoa, cada realidade, cada gesto, palavra e pensamento trazem consigo novidades: a riqueza do fazer o mesmo, não está na realidade feita ou a fazer mas sim na forma como queremos fazê-la e vivê-la, na forma como nos predispomos a fazer!

Mas recomeçar é exigente!

Sem dúvida! Recomeçar exige abertura, disponibilidade, motivação, sentido do bem-comum e de pertença!

Nunca tinha pensado nisso. Mas é verdade!

Da parte de quem começa ou recomeça uma tarefa há que existir uma constante e sempre renovada atitude de abertura: abertura de coração, de vida e, sobretudo, de mente! Abertura às realidades que serão propostas e vividas, abertura ao tempo e às pessoas, aos sinais e aos próprios desafios.

Quem se fecha egoisticamente sobre si, sobre as suas verdades e teorias, por melhores e mais bem intencionadas que sejam, acaba sempre por cair no isolamento, na solidão e, conseqüentemente, numa frustração por não ser capaz de se colocar dinamicamente diante da própria realidade e da missão.

Pois! Nem sempre é fácil esta abertura!

Exacto! Mas não basta estarmos abertos, é preciso disponibilidade. Disponibilidade como capacidade de estarmos sempre prontos a responder positivamente às exigências, capacidade de servir, de estar e ser para.

A disponibilidade exige de nós um desprendimento interior, um ir mais além daquilo que me é pedido e exigido como parte de um todo.

Estar disponível não é apenas o fazer o que tenho de fazer mas é também deixar-me envolver pela dinâmica de um ser em relação, que dá e recebe.

A disponibilidade não é meramente uma questão de tempo ou de trabalho mas é, principalmente, uma questão do coração: temos de ter o coração sempre disponível!

Nem mais, amigo! Mas há quer ter, como dizias, motivação...

Qualquer que seja o começo ou o recomeço que experimentamos, temos de partir sempre movidos por uma motivação: quem não tem uma motivação já morreu! Entrou num estado vegetativo: faz porque tem de fazer, porque é uma obrigação, porque se não fizer acontece isto ou aquilo...

Cada vez mais sentimos dificuldade em nos motivarmos seja pelo que for, a não ser que seja algo que nos dê muito prazer e gozo.

Se não estamos motivados, como podemos motivar os outros?

Se não estamos motivados, como podemos viver plenamente a nossa tarefa e missão?

A nossa motivação de ser e viver tem de ir além dos próprios frutos que possivelmente possamos vir a colher, tem de ir além do “ganho” que alcançamos com o nosso trabalho: uma motivação meramente economicista só vê cifrões, sinais de somar e multiplicar e não vê pessoas e até a beleza da própria vida!

A nossa verdadeira motivação é a própria vida!

É a vida que nos deve mover, a vontade de sermos mais e melhores.

E é isso que, muitas vezes, nos falta! Também há que ter o sentido do bem-comum: Vimos e estamos todos para o mesmo, o objectivo é comum e só pode ser partilhado por todos.

O “eu” só se concretiza no “nós”: e há um nós porque existe um “eu” e outro “eu” e muitos “eus”!

O bem-comum acontece em função de mim e dos outros! Não podemos viver só pensando no nosso “umbigo”, nas nossas coisas! Há-que ter tenção também ao bem dos outros... de todos!...

Daí a necessidade do sentido de pertença.

Pertencemos a um todo, a uma Comunidade, instituição... é um projecto comum: de todos e para todos! E enveredamos num determinado projecto porque acreditamos nele.

Há uma música que diz que “ninguém é de ninguém” mas, na prática, somos de todos e para todos!

Nem mais!

Que bonita que foi a nossa conversa!

É verdade! Muito oportuna nesta fase da nossa vida em que retomamos as nossas actividades!

Valem sempre a pensa estes nossos diálogos...

Aquele abraço muito amigo! Bons “recomeços” e... até para a semana.

ORAÇÃO - POEMA

Fazias tudo bem

E nós, a Tua gente,
Deveríamos fazer como Tu,
Para que todas as pessoas se sentissem melhor a nosso lado,
E criar momentos de encontro e igualdade à nossa volta.

Tu curavas as pessoas, erguias quem estava caído
E todas as Tuas capacidades as empregavas para amar.
Também nós podemos criar vida melhor ao nosso redor
E recheiar todos os nossos espaços de intimidade e qualidade.

Abre-nos os ouvidos pois às vezes somos nós os surdos do

Evangelho,
Não Te ouvimos bem e, por isso, não contamos
O bem que vais operando em cada um de nós,
Quando te deixamos ocupar um lugar nas nossas vidas.

Por vezes, somos cegos para as dádivas da vida quotidiana,
E para as pessoas que colocas dia-a-dia ao nosso lado.
Por isso, não gozamos o suficiente, nem cuidamos delas,
E vamos pela vida fora sem contemplar a sua beleza.

Muda-nos o coração, Jesus,
Para que possamos agir como Tu,
Para que saibamos ouvir,

Para que saibamos olhar e ver,
Para que a nossa boca não cale
A alegria que traz a Tua companhia
E o quanto a Tua amizade torna a vida melhor.

Que contigo apaguemos toda a desesperança,
E o desencanto de novo o transformemos em sonho,
Que partilhemos uns com os outros o bem-estar,
Que sejamos cura e força para os caídos da vida
E saibamos, como Tu, ser amigos verdadeiros,
Que acompanham a vida dos outros e a tornam mais fácil.